

Faculdade de Economia
Universidade Nova de Lisboa
2º Semestre 2007 / 2008

Cálculo II

- Aulas Práticas –

Versão 22/02/2008

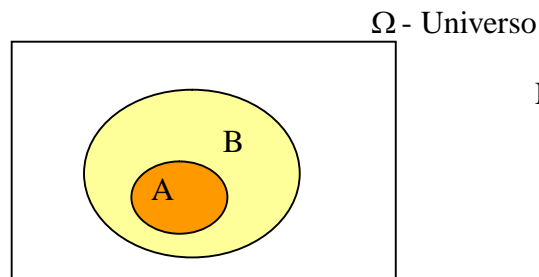
0. Espaço \mathfrak{R}^n

- Revisões de lógica (noções básicas)

Definição: Uma *proposição* é uma afirmação que ou é verdadeira ou é falsa.

Definição: A proposição A implica a proposição B (simbolicamente, $A \Rightarrow B$) se B for verdadeira sempre que A o seja.¹

Diagrama de Venn (intuição gráfica da definição anterior):



No diagrama:

$A \subset B$, logo $A \Rightarrow B$.

Definição: Se A e B forem proposições tais que $A \Rightarrow B$ e também $B \Rightarrow A$, então A é *equivalente* a B (simbolicamente $A \Leftrightarrow B$).

Resultado: $A \Rightarrow B$ se e só se $\sim B \Rightarrow \sim A$ (reproduzir o resultado num diagrama de Venn para obter a intuição gráfica).

Definição: B é condição necessária para A se $A \Rightarrow B$.

Definição: A é condição suficiente para B se $A \Rightarrow B$.

Operadores lógicos:

\vee : significa “ou”, $A \vee B$ é verdadeira. i.e., “ A ou B ” é verdadeira, se A ou B forem verdadeiras, ou ambas.

\wedge : significa “e”, $A \wedge B$ é verdadeira, i.e., “ A e B ” é verdadeira, se quer A quer B forem verdadeiras.

Resultados: $\sim (A \vee B)$ é verdadeira se e só se $\sim A \wedge \sim B$ for verdadeira.

$\sim (A \wedge B)$ é verdadeira se e só se $\sim A \vee \sim B$ for verdadeira.

A	B	$A \wedge B$	$A \vee B$	$A \Rightarrow B$	$A \Leftrightarrow B$	$\sim B \Rightarrow \sim A$	$\sim A \vee B$
F	F	F	F	V	V	V	V
F	V	F	V	V	F	V	V
V	F	F	V	F	F	F	F
V	V	V	V	V	V	V	V

¹ Note-se que "**Se A então B**" só é falsa se o antecedente for verdadeiro e o consequente falso. Isto significa que a condição continua a ser verdadeira se o consequente for verdadeiro e o antecedente falso.

- Noção de norma e distância. Breves noções topológicas em \mathfrak{R}^n .

Definição: A *norma* de um vector x designa-se por $\|x\|$ e possui as seguintes **propriedades**:

- i) $\|x\| > 0$ se $x \neq 0$, e $\|x\| = 0$ se $x = 0$
- ii) $\|\lambda x\| = |\lambda| \cdot \|x\|$, $\lambda \in \mathfrak{R}$;
- iii) $\|x + y\| \leq \|x\| + \|y\|$ (desigualdade triangular).

Definição: Uma função $d : X \times X \rightarrow [0; \infty)$ é uma *distância (métrica)* se possuir as seguintes **propriedades**:

- i) $\forall x, y \in X$ $d(x, y) > 0$ se $x \neq y$ e $d(x, y) = 0$ se $x = y$
- ii) $\forall x, y \in X$ $d(x, y) = d(y, x)$ (reflexibilidade)
- iii) $\forall x, y, z \in X$ $d(x, y) \leq d(x, z) + d(y, z)$ (desigualdade triangular).

Assim, um espaço munido de uma distância (métrica) chama-se *espaço métrico*.

Teoria dos Conjuntos (definições)

Definição: Um *conjunto* é uma colecção de elementos.

Definição: Conjunto A está *contido* em B (i.e. $A \subset B$) se $x \in A \Rightarrow x \in B$, $\forall x$.

Definição: A *intersecção* dos conjuntos A e B (i.e. $A \cap B$) é o conjunto: $\{x : x \in A \text{ e } x \in B\}$.

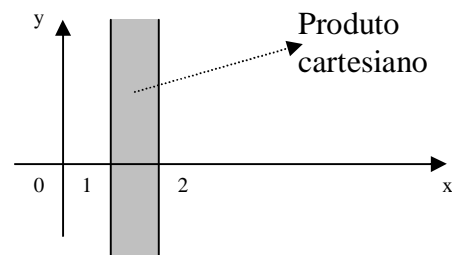
Definição: A *reunião* dos conjuntos A e B (i.e. $A \cup B$) é o conjunto: $\{x : x \in A \text{ ou } x \in B\}$.

Definição: Conjunto **complementar** de B (i.e. $A \setminus B$ ou $A - B$) relativamente a A é o conjunto: $\{x : x \in A \text{ e } x \notin B\}$.

Nota: Se $A = \Omega$, então o complementar do conjunto B relativamente a A é $\Omega \setminus B$, também denotado por \bar{B} .

Definição: O **produto cartesiano** dos conjuntos A e B (i.e. $A \times B$) é o conjunto: $\{(x, y) : x \in A \text{ e } y \in B\}$.

Exemplo 1: $A = \{x \in \mathfrak{R} : 1 \leq x \leq 2\}$ e $B = \{y \in \mathfrak{R}\}$
(gráfico)



Exemplo 2: descrição extensiva

$$A = \{\text{branco, preto, amarelo}\}$$

$$B = \{\text{caneta, lápis, borracha}\}$$

Logo,

$$A \times B = \left\{ \begin{array}{l} (\text{branco, caneta}); (\text{branco, lápis}); (\text{branco, borracha}); (\text{preto, caneta}); (\text{preto, lápis}); \\ (\text{preto, borracha}); (\text{amarelo, caneta}); (\text{amarelo, lápis}); (\text{amarelo, borracha}) \end{array} \right\}$$

Def.: O número real b é um **majorante** do conjunto S sse qualquer elemento de S for menor ou igual que b ($\forall x \in S, x \leq b$). S **diz-se majorado** sse possuir **majorante**.

Nota: Se considerarmos o caso de um intervalo ilimitado à direita, então este conjunto não tem majorante. Neste caso escrevemos: majorante = $\{\emptyset\}$ = conjunto vazio.

Def.: O número real b é um **minorante** do conjunto S sse qualquer elemento de S for maior ou igual que b ($\forall x \in S, x \geq b$). S **diz-se minorado** sse possuir **minorante**.

- S **diz-se limitado** se for majorado e minorado.

Def.: O **Máximo** de um conjunto $S \subseteq \mathfrak{R}$ é o elemento pertencente a S que é majorante.

Exemplos: $S = [0;1] \rightarrow \max S = 1$
 $S = [0;1[\rightarrow \max S = \emptyset$ (não existe máximo).

Def.: O **Mínimo** de um conjunto $S \subseteq \mathfrak{R}$ é o elemento pertencente a S que é minorante.

Def.: O **Supremo** de um conjunto $S \subseteq \mathfrak{R}$ (i.e. **Sup** S) é o menor dos seus majorantes.

Nota: $\text{Sup } S = s$

- 1) $\forall x \in S, x \leq s$;
- 2) $\forall \varepsilon > 0, \exists x \in S : x \geq s - \varepsilon$.

Def.: O **Ínfimo** de um conjunto $S \subseteq \mathfrak{R}$ (i.e. **Inf** S) é o maior dos seus minorantes.

Def.: Bola aberta de centro c e raio r é o conjunto:

$$B_r(c) = \{x : d(x, c) < r\} = \{x : |x - c| < r\}$$

Def.: **Vizinhança** no ponto c é qualquer subconjunto de \mathfrak{R} que contenha uma bola de centro c .

Def.: O ponto a é um **ponto interior** de S se existir alguma bola de centro a **contida em** S , i.e. $\exists r > 0 : B_r(a) \subset S$.

Def.: O ponto a é um **ponto exterior** de S se for um ponto interior do complementar de S , i.e. $\exists r > 0 : B_r(a) \cap S = \emptyset$.

Def.: O ponto a é **ponto fronteiro** de S se não for interior nem exterior, isto é, qualquer bola de centro a tem pontos comuns com S e com o complementar de S : $[C(S)]$.

Analicamente, $\forall r > 0, B_r(a) \cap S \neq \emptyset \wedge B_r(a) \cap C(S) \neq \emptyset$

Def.: **Interior de S** é o conjunto formado por todos os pontos interiores de S : **Int S** .

Def.: **Exterior de S** é o conjunto formado por todos os pontos exteriores de S : **Ext S** .

Def.: **Fronteira de S** é o conjunto formado por todos os pontos fronteiros de S : **Fr S** .

Def.: **Fecho ou aderência de S** é a reunião de S com a fronteira de S : $\bar{S} = S \cup Fr S$.
Ponto aderente é o ponto que pertence ao **fecho** de um conjunto.

O conjunto S diz-se **aberto** se coincidir com o seu **interior**, i.e., $S = int S$

O conjunto S diz-se **fechado** se coincidir com o seu **fecho**, i.e., $S = \bar{S} = S \cup Fr S$.

Def.: um ponto a é ponto de **acumulação** de S , se toda a bola de centro a contém pelo menos um ponto de S distinto de a .

Analicamente, $\forall r > 0, B_r(a) \cap (S - \{a\}) \neq \emptyset$.

Def.: **Conjunto derivado de S** é o conjunto dos pontos de acumulação de S .

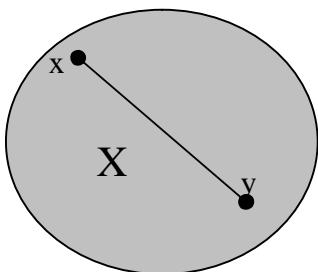
Um ponto a pertencente a S é um **ponto isolado** se existir alguma bola de centro a que só tenha em comum com S o próprio elemento a , i.e. $\exists r > 0 : B_r(a) \cap S = \{a\}$.

Def.: **Conjunto S é limitado** se $\exists b \in \mathbb{R} : \|x\| \leq b, \forall x \in S$. Intuitivamente podemos dizer que S é limitado se conseguirmos determinar uma vizinhança que contenha todo o espaço S .

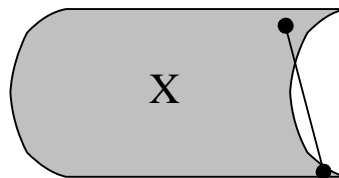
- X é um conjunto **Convexo** sse $\forall x, y \in X$ então $\lambda x + (1 - \lambda).y \in X$, para $\lambda \in [0;1]$

- X é um conjunto **Conexo** se conseguirmos unir qualquer par de pontos pertencentes ao espaço X através de uma linha/curva toda ela contida no conjunto em questão. Um conjunto é **conexo**, se não for **desconexo**. Um conjunto S é **desconexo** se:
 $\exists A, B : S = A \cup B \wedge \bar{A} \cap B = \emptyset \wedge A \cap \bar{B} = \emptyset$.

Exemplos:



Conjunto **convexo** – a definição verifica-se para qualquer par de pontos (x,y) no espaço X , e qualquer valor de $\lambda \in [0;1]$.



Conjunto **conexo**, mas **não convexo** – para certos valores de λ obtemos pontos fora do espaço X .

1. Funções de \mathbb{R}^n em \mathbb{R}^m

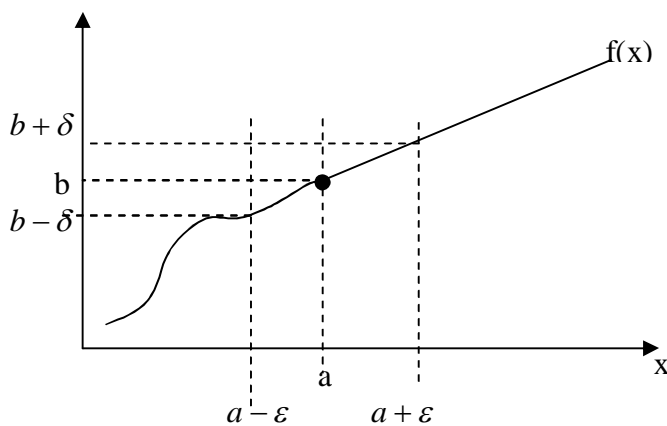
- Limite de uma função

Definição:(limite de uma função)

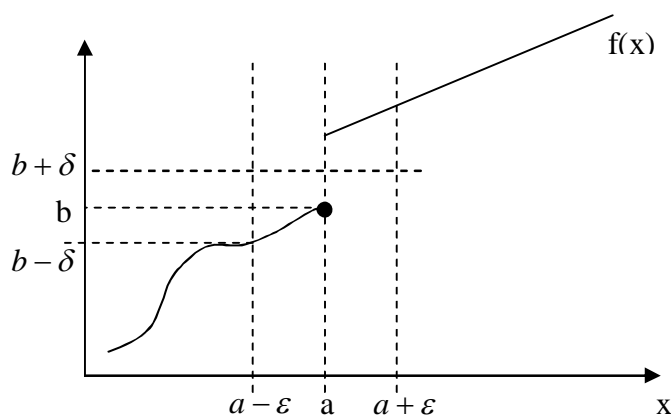
Seja, $f : D \subseteq \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^m$

$$\lim_{x \rightarrow a} f(x) = b, \text{ sse, } \forall \delta > 0, \exists \varepsilon(\delta) > 0 : \|x - a\| < \varepsilon \Rightarrow \|f(x) - b\| < \delta$$

Intuição gráfica,



Caso em que a definição falha (**função descontínua**)



É claro que a definição não vai ser respeitada! Para δ suficientemente pequenos não conseguimos encontrar nenhum ε tal que $\|x - a\| < \varepsilon \Rightarrow \|f(x) - b\| < \delta$.

Nota:

Desigualdade de **Cauchy-Schwarz**: $\|v \cdot w\| \leq \|v\| \cdot \|w\|$

Desigualdade **triangular**: $\|v + w\| \leq \|v\| + \|w\|$.

- Continuidade

Seja a ponto de acumulação do domínio (D) da função $f : D \subseteq \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}^m$. Então a função é contínua no ponto a se $\lim_{x \rightarrow a} f(x) = f(a)$.

A função f é contínua no ponto a se: $\forall \delta > 0, \exists \varepsilon > 0 : \|x - a\| < \varepsilon \Rightarrow \|f(x) - f(a)\| < \delta$ e $x \in D$.

Note-se que **em pontos isolados a função é contínua**.

A função é contínua se for contínua em todos os pontos do seu domínio.

Algumas **propriedades** das funções contínuas:

- $f : \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}^m$ ($m > 1$) é contínua num ponto a , sse as funções coordenadas $f_1 : \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}, f_2 : \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}, \dots, f_m : \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}$ forem contínuas no ponto a .
- O **quociente, produto, soma / subtracção** de funções contínuas é uma função contínua no seu domínio.
- Função composta $f \circ g$ é contínua em a se g for contínua em a e f for contínua em $g(a)$.

2. Derivação em \mathfrak{R}^n

- Derivadas Parciais

Def.: Seja $a = (a_1, a_2, \dots, a_n)$ um ponto interior do domínio da função $f : D \subseteq \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}$. Chama-se **derivada parcial no ponto a** em relação a x_i , ao limite (quando existe):

$$\lim_{h \rightarrow 0} \frac{f(a_1, \dots, a_{i-1}, a_i + h, a_{i+1}, \dots, a_n) - f(a_1, \dots, a_{i-1}, a_i, a_{i+1}, \dots, a_n)}{h},$$

e costuma designar-se por $\frac{\partial f}{\partial x_i}(a), f'_{x_i}(a), (D_{x_i} f)(a)$.

Def.: **Gradiente da função** (∇f) no ponto a é dado por:

$$\nabla f(a) = \left(\frac{\partial f}{\partial x_1}(a), \frac{\partial f}{\partial x_2}(a), \frac{\partial f}{\partial x_3}(a), \dots, \frac{\partial f}{\partial x_n}(a) \right).$$

Considere agora uma **função vectorial**: $f : \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}^m$.

$f = (f_1(x_1, x_2, \dots, x_n), f_2(x_1, x_2, \dots, x_n), \dots, f_m(x_1, x_2, \dots, x_n))$, neste caso para obtermos todas as suas derivas parciais (no ponto a), temos de derivar a **matriz Jacobiana**, i.e.:

$$J = \begin{bmatrix} \nabla f_1(a) \\ \dots \\ \nabla f_m(a) \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} \frac{\partial f_1}{\partial x_1}(a) & \frac{\partial f_1}{\partial x_2}(a) & \dots & \frac{\partial f_1}{\partial x_n}(a) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ \frac{\partial f_m}{\partial x_1}(a) & \frac{\partial f_m}{\partial x_2}(a) & \dots & \frac{\partial f_m}{\partial x_n}(a) \end{bmatrix}$$

Nota: J só será uma matriz quadrada se $m = n$.

$|J|$ representa o **determinante** da matriz Jacobiana (rever Álgebra linear, conceito de determinante).

- Diferenciabilidade

Def.: Considere $f : D \subseteq \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}$ e seja a um ponto interior do domínio de f .

f é diferenciável em a quando nalguma vizinhança do ponto a a função se pode representar como:

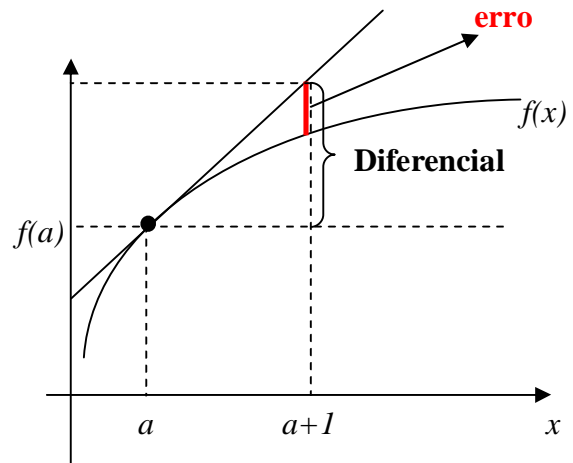
$$f(x) = f(a) + f'_{x_1}(a).(x_1 - a_1) + f'_{x_2}(a).(x_2 - a_2) + \dots + f'_{x_n}(a).(x_n - a_n) + \sigma(\|x - a\|),$$

onde, $\lim_{\rho \rightarrow 0} \frac{\sigma(\rho)}{\rho} = 0$; $\rho = \|x - a\|$.

$$f(x) = f(a) + \nabla f(a).(x - a) + \underbrace{\sigma(\rho)}_{\text{Resíduo}}$$

Caso de $f : D \subseteq \mathfrak{R} \rightarrow \mathfrak{R}$

$$f(x) = f(a) + f'_x(a).(x - a) + \underbrace{\sigma(\rho)}_{\text{Resíduo}}$$



Caso de $f : D \subseteq \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}^m$

$$\underbrace{f(x)}_{m \times 1} = \underbrace{f(a)}_{m \times 1} + \underbrace{J_a}_{m \times n} \cdot \underbrace{(x - a)}_{n \times 1} + \underbrace{\sigma(\rho)}_{m \times 1}$$

Representando matricialmente:

$$\begin{bmatrix} f_1(x) \\ f_2(x) \\ \dots \\ f_m(x) \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} f_1(a) \\ f_2(a) \\ \dots \\ f_m(a) \end{bmatrix} + \begin{bmatrix} \frac{\partial f_1}{\partial x_1}(a) & \frac{\partial f_1}{\partial x_2}(a) & \dots & \frac{\partial f_1}{\partial x_n}(a) \\ \dots & \dots & \dots & \dots \\ \frac{\partial f_m}{\partial x_1}(a) & \frac{\partial f_m}{\partial x_2}(a) & \dots & \frac{\partial f_m}{\partial x_n}(a) \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 - a_1 \\ x_2 - a_2 \\ \dots \\ x_n - a_n \end{bmatrix} + \begin{bmatrix} \sigma_1(\rho) \\ \sigma_2(\rho) \\ \dots \\ \sigma_m(\rho) \end{bmatrix}.$$

Teorema: Função vectorial $f : D \subseteq \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}^m$ é diferenciável em a sse cada uma das componentes for diferenciável em a .

Notas:

- As derivadas de ordem r da função f são contínuas sse a função é de classe C^r .
- Se f é C^r , as derivadas de ordem r , tal que derivadas o mesmo nº de vezes em ordem a cada variável, são iguais.
- f é C^r em S se admite derivadas parciais contínuas até à ordem r , em todos os pontos de S .

Teorema: Se \exists derivadas parciais de 1ª ordem no ponto a , e se $(n-1)$ dessas derivadas forem contínuas no ponto a , então a função é diferenciável no ponto.

- Derivada Direccional

- $f'_{(u_1, u_2)}(a, b) = J_f(a, b).u$, em que u é um vector coluna.
- $\frac{df}{dx}$: derivada dirigida segundo o vector $(1; 0)$.
- **Propriedades do vector gradiente:**
 - Seja $f : D \subseteq \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}$ uma função diferenciável no ponto a . A derivada dirigida da função f no ponto a atinge o seu maior valor na direcção do vector gradiente. $u = \frac{\nabla f}{\|\nabla f\|}$.
 - Prova:** $f'_u(a) = \nabla f(a).u = \|\nabla f(a)\| \|u\| \cos \theta$, em que θ é o ângulo formado pelo vector gradiente e o vector u . Assim, $f'_u(a)$ atinge o valor máximo quando $\cos \theta = 1$, ou seja, $\theta = 0$, o que implica que u tem a mesma direcção e sentido que o vector gradiente, i.e., $\frac{u}{\|u\|} = \frac{\nabla f}{\|\nabla f\|}$.
 - Direcção em que a função não varia (ao longo de cada curva de nível) é aquela em que u é perpendicular ao vector gradiente. O vector gradiente é perpendicular às curvas de nível. – Ver pg. 60, Cesaltina Pires, “Cálculo para Economistas”.
 - Prova:** $f'_u(a) = \nabla f(a).u = \|\nabla f(a)\| \|u\| \cos \theta$. Assim, a função f não tem qualquer variação quando $\cos \theta = 0$, ou seja, $\theta = 90^\circ$, o que implica que u tem de ser perpendicular ao vector gradiente. Assim, o vector gradiente é perpendicular às curvas de nível.
- $\text{vers } v = \frac{v}{\|v\|} \Leftrightarrow v = \|v\| \cdot \text{vers } v$, a função do versor é transformar um vector, mantendo a sua direcção e sentido, mas normalizando o comprimento para 1.

- Equação do plano tangente e da recta normal (perpendicular) ao gráfico de uma função $D \subseteq \mathbb{R}^2 \rightarrow \mathbb{R}$.

Equação do plano tangente no ponto $(a, f(a))$: $z = f(a) + \nabla f(a) \cdot (x - a)$, em que a função f é diferenciável no ponto a .

Considere o plano α com a seguinte forma (canónica): $ax + by + cz + d = 0$, então podemos dizer que o vector perpendicular / normal ao plano no ponto p é o vector $\vec{n} = (a, b, c)$, que passa no ponto p .

Prova: Começemos por encontrar 3 pontos pertencentes ao plano α . Por exemplo, os pontos que intersectam cada um dos eixos.

Intersecção com o eixo Oz : $x = y = 0$. Logo, $cz = -d \Leftrightarrow z = -d/c$ $P = \left(0, 0, -\frac{d}{c}\right)$

Intersecção com o eixo Oy : $x = z = 0$. Logo, $by = -d \Leftrightarrow y = -d/b$ $Q = \left(0, -\frac{d}{b}, 0\right)$

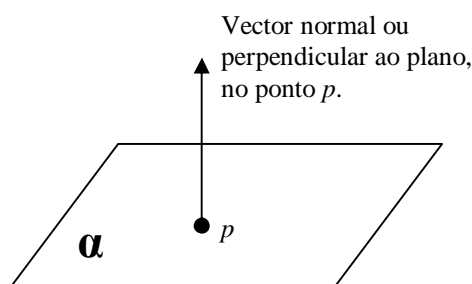
Intersecção com o eixo Ox : $y = z = 0$. Logo, $ax = -d \Leftrightarrow x = -d/a$ $R = \left(-\frac{d}{a}, 0, 0\right)$

Vectores do plano: $\overrightarrow{PQ} = \left(0, -\frac{d}{b}, \frac{d}{c}\right)$ $\overrightarrow{QR} = \left(-\frac{d}{a}, \frac{d}{b}, 0\right)$.

$\vec{n} \cdot \overrightarrow{PQ} = a \times 0 + b \times \left(-\frac{d}{b}\right) + c \times \frac{d}{c} = 0$ logo $\vec{n} \perp \overrightarrow{PQ}$

$\vec{n} \cdot \overrightarrow{QR} = a \times \left(-\frac{d}{a}\right) + b \times \frac{d}{b} + c \times 0 = 0$ logo $\vec{n} \perp \overrightarrow{QR}$, ficando assim demonstrado que o vector $\vec{n} = (a, b, c)$ é perpendicular ao plano de equação $ax + by + cz + d = 0$.

Intuição gráfica:



A **recta normal** ao plano α que passa no ponto p será: $\frac{x - p_1}{a} = \frac{y - p_2}{b} = \frac{z - p_3}{c}$, em que (p_1, p_2, p_3) , são as coordenadas do ponto p .

Recorde o racional por detrás destas igualdades na próxima secção “*Rectas no espaço*”.

Rectas no espaço

Dados um ponto A de uma recta e um vector director u , a recta define-se pela equação:

$$P = A + k.u, \quad k \in \mathfrak{R}$$

em que P representa um ponto qualquer da recta.

Num referencial do espaço, a *equação vectorial* da recta que passa no ponto A e tem a direcção do vector u é:

$$(x, y, z) = (x_A, y_A, z_A) + k(u_1, u_2, u_3), \quad k \in \mathfrak{R}.$$

A *equação vectorial* de uma recta definida por dois pontos A e B obtém-se através da igualdade:

$$P = A + k.\overline{AB}, \quad k \in \mathfrak{R}$$

Por outro lado, as equações que relacionam directamente as três coordenadas de cada ponto da recta são *equações cartesianas*. Para definir uma recta num referencial do espaço são necessárias duas equações de primeiro grau que relacionem as três coordenadas, uma vez que uma recta é uma intersecção de dois planos.

Se os vectores directores da recta não têm nenhuma coordenada nula, *i.e.* se a recta não for paralela a nenhum dos planos coordenados, as equações cartesianas da recta que passa pelo ponto $A = (x_A, y_A, z_A)$ e tem a direcção de $u = (u_1, u_2, u_3)$ obtém-se através das igualdades:

$$\frac{x - x_A}{u_1} = \frac{y - y_A}{u_2} = \frac{z - z_A}{u_3}.$$

Como chegar a estas igualdades?

Partindo da equação vectorial da recta: $(x, y, z) = (x_A, y_A, z_A) + k(u_1, u_2, u_3)$, $k \in \mathfrak{R}$.

Esta pode ser reescrita como:

$$\begin{cases} x = x_A + k.u_1 \\ y = y_A + k.u_2 \\ z = z_A + k.u_3 \end{cases} \Leftrightarrow \begin{cases} \frac{x - x_A}{u_1} = k \\ \frac{y - y_A}{u_2} = k \\ \frac{z - z_A}{u_3} = k \end{cases} \Rightarrow \frac{x - x_A}{u_1} = \frac{y - y_A}{u_2} = \frac{z - z_A}{u_3} \quad \text{c.q.d.}$$

Quando alguma das coordenadas de u é igual a zero, isto significa que a recta é paralela a um dos planos coordenados e por isso os seus pontos têm umas das coordenadas constante. Por exemplo, se $u_1 = 0$, as equações cartesianas seriam:

$$x = x_A \wedge \frac{y - y_A}{u_2} = \frac{z - z_A}{u_3}.$$

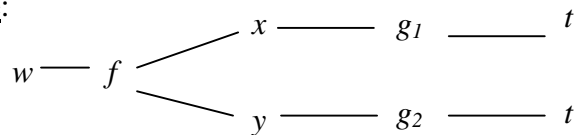
Mais uma vez, para chegarmos a este resultado basta partirmos da equação vectorial da recta, fazer o desdobramento num sistema de 3 equações e resolver em ordem a k .

- Derivada da função composta

Matricialmente: $J_{f \circ g}(a) = J_f(g(a)) \times J_g(a)$

Regra da cadeia:

$$(f \circ g)'(t) = \frac{dw}{dt} = \underbrace{\frac{dw}{df}}_{=1} \left(\frac{\partial f}{\partial x} \cdot \frac{\partial x}{\partial g_1} \cdot \frac{\partial g_1}{\partial t} + \frac{\partial f}{\partial y} \cdot \frac{\partial y}{\partial g_2} \cdot \frac{\partial g_2}{\partial t} \right), \text{ em que } x = g_1 \text{ e } y = g_2.$$

Esquema em árvore:

- Funções Homogêneas e Teorema de Euler

Definição: $f : D \subseteq \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}$ é **homogênea** de grau α se $f(tx) = t^\alpha \cdot (f(x)) \forall x \in D$ e $t \in \mathfrak{R} : t.x \in D$.

Se $t > 0$ a função é positivamente homogênea de grau α .

Definição: $f : D \subseteq \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}^m$, funções vectoriais são homogêneas de grau α se cada uma das suas componentes for de grau α (todas as componentes têm de ter o mesmo grau).

Se f tem grau α de homogeneidade e é diferenciável, e as suas derivadas parciais existem e são diferenciáveis, então o grau de homogeneidade das derivadas parciais de f é de $(\alpha - 1)$.

Teorema de Euler: Se $f(x_1, \dots, x_n)$ diferenciável e positiva homogênea de grau α , então satisfaz o seguinte **identidade**:

$$x_1 \cdot \frac{\partial f}{\partial x_1} + x_2 \cdot \frac{\partial f}{\partial x_2} + \dots + x_n \cdot \frac{\partial f}{\partial x_n} = \alpha \cdot f(x_1, x_2, \dots, x_n) \text{ e reciprocamente.}$$

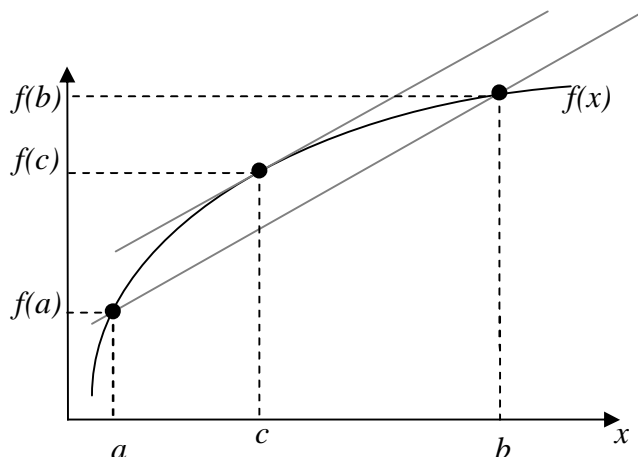
3. Fórmula de Taylor

- Teorema dos acréscimos finitos

$f : [a; b] \subseteq \mathfrak{R} \rightarrow \mathfrak{R}$, f *contínua* e *diferenciável* no interior daquele intervalo, então

$$\exists c \in (a, b) : f(b) - f(a) = f'(c) \cdot (b - a) \Leftrightarrow \frac{f(b) - f(a)}{b - a} = f'(c).$$

Intuição gráfica do Teorema dos Acréscimos Finitos:



Generalizando para funções vectoriais - Se $f : D \subseteq \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}^m$ diferenciável, com D

aberto e convexo, então dados a e b , $\exists c \in (a, b) : \underbrace{f(b) - f(a)}_{m \times 1} = \underbrace{\begin{bmatrix} \nabla f_1(c_1) \\ \dots \\ \nabla f_m(c_m) \end{bmatrix}}_{m \times n} \cdot \underbrace{(b - a)}_{n \times 1}.$

- Fórmula de Taylor

$f : D \subseteq \mathfrak{R}^n \rightarrow \mathfrak{R}$, f de classe C^{k+1} , numa vizinhança de a que contém $a + u$, então

$$f(a + u) = f(a) + f'_u(a) + \frac{1}{2!} \cdot f''_u(a) + \dots + \frac{1}{k!} \cdot f^k_u(a) + R, \text{ em que } R \text{ é o resto.}$$

$R = \frac{1}{(k+1)!} \cdot f^{k+1}_u(a + \theta \cdot u) = \text{Resto}$, com $0 < \theta < 1$ e onde f^i_u é a derivada de ordem i , segundo a direcção do vector u .

Caso $f : \mathfrak{R}^2 \rightarrow \mathfrak{R}$

$$f'_u(a) = \frac{\partial f}{\partial u_1} \Big|_a \cdot u_1 + \frac{\partial f}{\partial u_2} \Big|_a \cdot u_2, \text{ em que } u_i = (x_i - a_i)$$

$$f''_u(a) = \frac{\partial^2 f}{\partial u_1^2} \Big|_a \cdot u_1^2 + 2 \cdot \frac{\partial^2 f}{\partial u_1 \partial u_2} \Big|_a \cdot u_1 \cdot u_2 + \frac{\partial^2 f}{\partial u_2^2} \Big|_a \cdot u_2^2, \quad \text{em que } u_i = (x_i - a_i)^2 \text{ e}$$

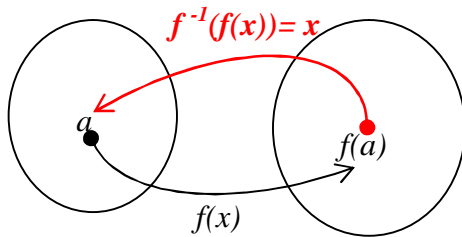
$$u_1 \cdot u_2 = (x_1 - a_1) \cdot (x_2 - a_2).$$

4. Teorema da Função Inversa e Teorema da Função Implícita

Teorema da Função Inversa: Seja $f : D \subseteq \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n$ e $a \in \text{int } D$ tais que:

- f é de classe C^1 na vizinhança de a ;
- $|J_{f(a)}| \neq 0$

Então, existe uma função f^{-1} de classe C^1 definida na vizinhança de a tal que $f^{-1}(f(x)) = x$, para todo o x na vizinhança de a .



Se $f : \mathbb{R} \rightarrow \mathbb{R}$, contínua e de classe C^1 em $[a, b]$ com $f'(x) \neq 0, \forall x \in (a, b) \Rightarrow f$ é uma **bijecção** de $[a, b]$ em $[\alpha, \beta] = f([a, b])$ e existe $g = f^{-1}$ (e g é C^1) tal que: $g'(f(x)) = (f'(x))^{-1}$.

A derivada da função inversa avaliada no ponto $f(x)$ é igual ao inverso da derivada da função no ponto x .

Uma função **bijetiva**, correspondência **biunívoca** ou **bijecção**, é uma função **injectiva** e **sobrejectiva**.

Def. (fc. sobrejectiva): Uma aplicação $f : A \rightarrow B$ diz-se **sobrejectiva** sse o seu contradomínio, $f(A)$ é igual a B (e não a uma parte restrita deste conjunto); de outro modo: sse para cada $y \in B$ existe pelo menos um $x \in A$ tal que $f(x) = y$.

Def. (fc. injectiva): Diz-se que $f : A \rightarrow B$ é **injectiva** sse, para quaisquer $x, y \in A$, a condição $x \neq y \Rightarrow f(x) \neq f(y)$; o que equivale a dizer que, para cada $y \in B$ existe quando muito um $x \in A$ tal que $f(x) = y$.

Teorema da Função Implícita

Se: **a)** $F(x, y)$ com $x \in \mathbb{R}^n$ e $y \in \mathbb{R}^m$ for de classe C^1 num domínio aberto $D \subseteq \mathbb{R}^n \times \mathbb{R}^m$ com valores em \mathbb{R}^m ;

b) $(x_0, y_0) \in D$ for solução de $F(x, y) = 0$ e

c) $|J_{F_y}^F|_{(x_0, y_0)} \neq 0$,

Então existem vizinhanças $V(x_0) \subseteq \mathbb{R}^n$ e $V(y_0) \subseteq \mathbb{R}^m$ e uma função $f : V(x_0) \rightarrow V(y_0)$ de classe C^1 : $f(x_0) = y_0$ e $F(x, f(x)) \equiv 0, \forall x \in V(x_0)$.

Matricialmente, obtemos a seguinte relação: $J_x^f = -\left(J_y^F\right)^{-1} \cdot J_x^F$.

5. Optimizaçã

- Formas Quadráticas

$q = x' \underset{n \times n}{A} x$, A é matriz simétrica (rever conceitos matriciais de Álgebra Linear).

➤ Método dos Valores Próprios

Utilização do **polinómio característico** $\underbrace{|\lambda I - A|}_{\text{Polinómio Característico}} = 0$

- $\forall_i, \lambda_i > 0$ Definida Positiva
- $\forall_i, \lambda_i \geq 0$ S-D Positiva
- $\forall_i, \lambda_i \leq 0$ S-D Negativa
- $\forall_i, \lambda_i < 0$ Definida Negativa
- $\exists_{i_0, i_1} : \lambda_{i_0} > 0 \wedge \lambda_{i_1} < 0$ Indefinida.

Exemplo:

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 2 \\ 2 & 4 \end{bmatrix} \quad |\lambda I - A| = \begin{vmatrix} \lambda - 1 & -2 \\ -2 & \lambda - 4 \end{vmatrix} = 0 \Leftrightarrow (\lambda - 1)(\lambda - 4) - 4 = 0 \Leftrightarrow \lambda^2 - 5\lambda = 0 \Leftrightarrow \\ \Leftrightarrow \lambda(\lambda - 5) = 0 \Leftrightarrow [\lambda = 0 \vee \lambda = 5] \Rightarrow \mathbf{S-D Positiva.}$$

➤ Método dos Menores Principais

$$A_{n \times m} = \begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & \dots \\ a_{21} & a_{22} & \dots \\ \dots & \dots & \dots \end{bmatrix}$$

- $|A_1| > 0, |A_2| > 0, \dots, |A_n| > 0$ Definida Positiva
- $|A_1| < 0, |A_2| > 0, |A_3| > 0, \dots, |A_n| > 0$ se n é par Definida Negativa
 $|A_n| < 0$ se n é ímpar.
- $|A_1| > 0, |A_2| < 0$ Indefinida
- $|A_i| = 0$, então se todos os menores de ordem k^2 forem **não negativos**, será **S-D positiva**; se todos os menores de ordem k tiverem o **mesmo sinal que $(-1)^k$** ou forem nulos então será **S-D negativa**.

² Ver livro “Cálculo para Economistas”, Cesaltina Pires, secção 6.2.3 “Formas quadráticas”.

Função Convexa

f definida num convexo S é **convexa** sse $f(\lambda x + (1-\lambda)x') \leq \lambda f(x) + (1-\lambda)f(x')$ e **estritamente convexa** se em **estrita desigualdade**, $\forall \lambda \in (0,1), \forall x, x' \in S$.

(Exemplificar graficamente)

Teorema: Seja $f \in C^2$ definida em S convexo. f é convexa sse $d_u^2 f$ for semidefinida positiva para todos os pontos do interior do conjunto S . Se $d_u^2 f$ for definida positiva, i.e. $d_u^2 f > 0$, seja qual for $u \neq 0$, para todos os pontos do interior de S , então a função é estritamente convexa.

Função Quase-Convexa

$f(x)$ definida num convexo S , é **quase-convexa** sse $\forall x, x' \in S$ e $\forall \lambda \in (0,1)$:

$f(x) \geq f(x') \Rightarrow f(\lambda x + (1-\lambda)x') \leq f(x)$, se em desigualdade estrita, então a função será **estritamente quase-convexa**.

$$f(\lambda x + (1-\lambda)x') \leq \min\{f(x); f(x')\}$$

Análise da quase-convexidade / quase-concavidade

$$B = \begin{bmatrix} 0 & \nabla f \\ \nabla f^T & H \end{bmatrix}, \quad B = \begin{bmatrix} 0 & f_1 & f_2 \\ f_1 & f_{11} & f_{12} \\ f_2 & f_{21} & f_{22} \end{bmatrix}$$

- | | | | |
|-----|--|---|----------------------|
| i) | $ B_1 = \begin{vmatrix} 0 & f_1 \\ f_1 & f_{11} \end{vmatrix} < 0, B_2 > 0$
$ B_n > 0$, se n par
$ B_n < 0$, se n ímpar | } | Quase-côncava |
| ii) | $ B_1 < 0, \dots, B_n < 0 \Rightarrow$ Quase-Convexa. | | |

- **Optimização Livre**

- **Condições de Primeira Ordem (CPO):** $\nabla f = [0 \quad \dots \quad 0]$

$$\text{Condições Necessárias} \begin{cases} \frac{\partial f}{\partial x}(x^*, y^*) = 0 \\ \frac{\partial f}{\partial y}(x^*, y^*) = 0 \end{cases}$$

Ver **Teorema 7.7** e **Teorema 7.8** (“Condições suficientes para extremos locais”) - pg. 169 e 170, “Cálculo para Economistas”.

H Definida **Positiva** => Mínimo local
 H Definida **Negativa** => Máximo local
 H **Indefinida** => Ponto de sela

Notas: Nada se conclui quando a forma é semidefinida
Direcção singular: direcção segundo a qual o 2º diferencial é nulo.
 Quando efectuamos uma análise local, consideramos **extremo** o ponto que em toda a sua vizinhança se verifique todos os sinais > **0** (**mínimo**) ou todos < **0** (**máximo**).

- Optimização Condicionada

Formalização do problema:

$$\begin{aligned} & \underset{\{x_1, x_2\}}{\text{Max/Min}} f(x_1, x_2) \\ \text{s.a} \quad & g(x_1, x_2) = b \\ & x_1, x_2 \geq 0 \text{ (restrições de não-negatividade)} \end{aligned}$$

Lagrangeana

$$L = f(x_1, x_2) + \underset{\text{M. Lagrange}}{\lambda} [b - g(x_1, x_2)]$$

CPO (Condições necessárias):

$$\begin{cases} \frac{\partial L}{\partial x_1} = 0 \\ \frac{\partial L}{\partial x_2} = 0 \\ \frac{\partial L}{\partial \lambda} = 0 \end{cases}$$

Condições suficientes (Hessiana orlada):

$$\bar{H} = \begin{bmatrix} 0 & \frac{\partial g}{\partial x_1} & \frac{\partial g}{\partial x_2} \\ \frac{\partial g}{\partial x_1} & \frac{\partial^2 L}{\partial x_1^2} & \frac{\partial^2 L}{\partial x_1 \partial x_2} \\ \frac{\partial g}{\partial x_2} & \frac{\partial^2 L}{\partial x_1 \partial x_2} & \frac{\partial^2 L}{\partial x_2^2} \end{bmatrix}$$

- m , número de restrições;
- se os menores principais de $|\bar{H}|$, começando em $|\bar{H}_{2m+1}|$, forem de sinal $(-1)^m$, o diferencial de 2ª ordem s.a restrições é definido positivo => **Mínimo**.

- se os menores principais de $|\overline{H}|$, começando em $|\overline{H}_{2m+1}|$, forem alternando, sendo o sinal de $|\overline{H}_{2m+1}|$ igual ao de $(-1)^{m+1} \Rightarrow$ **Máximo**.

Nota: interpretação do multiplicador de Lagrange - λ - dá a variação do valor da função objectivo no óptimo perante uma alteração do parâmetro b na restrição.

- Optimização Não-linear

Exemplo:

$$\text{Max}_{\{x_1, x_2\}} f(x_1, x_2)$$

$$\text{s.a.} \quad g(x_1, x_2) \leq b$$

$$x_1, x_2 \geq 0 \text{ (condições de não-negatividade)}$$

$$L = f(x_1, x_2) + \lambda [b - g(x_1, x_2)]$$

- restrições em desigualdade, sendo necessário verificar se no óptimo as restrições são activas ou não.

CPO

$$\left\{ \begin{array}{l} \frac{\partial L}{\partial x_1} = L'_{x_1} \leq 0, \quad x \geq 0, \quad L'_{x_1} x_1 = 0 \\ \frac{\partial L}{\partial x_2} = L'_{x_2} \leq 0, \quad y \geq 0, \quad L'_{x_2} x_2 = 0 \\ \frac{\partial L}{\partial \lambda} = L'_\lambda \geq 0, \quad \lambda \geq 0, \quad L'_\lambda \lambda = 0 \end{array} \right.$$

Condições de complementaridade

- Ver **Teorema 9.1 (suficiência das condições K-T)** - pg. 213/ 214, “Cálculo para Economistas”.

- Ver **Teorema 9.3 (necessidade das condições de K-T)** - pg. 218 “Cálculo para Economistas”.

- Ver **Teorema 9.4 (necessidade e suficiência)** – pg. 219, 220: Sob determinadas condições, para funções objectivo quase-côncavas e restrições quase-convexas, as condições de K-T para o problema de maximização sujeita a restrições do tipo \leq são necessárias e suficientes.

6. Séries

Soma dos n termos de uma sucessão a_n com *razão* r :

$$S_n = a_1 \frac{1-r^n}{1-r} \text{ com } -1 < r < 1.$$

Diz-se que a sucessão a_n é **somável** sse for **convergente (em \mathbf{R})** a sucessão s_n , das suas somas parciais; nesta hipótese, chama-se soma dos termos da sucessão a_n ao limite de s_n e, designando-o por s , pode escrever-se:

$$a_1 + a_2 + \dots + a_n + \dots = s.$$

Na realidade, em vez de se dizer que a sucessão a_n é **somável** é costume dizer-se que a série é **convergente**; quando s_n não converge (em \mathbf{R}) diz-se que a mesma série é **divergente**.

Teorema da necessidade: Se a série $\sum a_n$ é convergente, a_n é um infinitésimo: $a_n \rightarrow 0$.

No entanto o facto de $a_n \rightarrow 0$ não implica que a série em causa seja convergente.

Por exemplo, considere a **série harmónica** $\sum \frac{1}{n}$, sendo claro que $1/n \rightarrow 0$.

Calculando $s_{2q} - s_q = \frac{1}{q+1} + \frac{1}{q+2} + \dots + \frac{1}{2q} \geq \underbrace{\frac{1}{2q} + \dots + \frac{1}{2q}}_q = \frac{1}{2}$, o que significa que a

partir de qualquer ordem, podem obter-se diferenças $s_{2q} - s_q$ superiores a 0,5 o que permite concluir que a **série harmónica é divergente**, apesar de $1/n \rightarrow 0$.

Teorema (Critério geral da comparação): Suponha-se que, para todo, o $n \in \mathbf{N}$, se tem $0 \leq a_n \leq b_n$, então

- i) se $\sum b_n$ é convergente, $\sum a_n$ é também convergente;
- ii) se $\sum a_n$ é divergente, $\sum b_n$ é também divergente.

Teorema (Critério de Leibnitz): Se a_n é uma sucessão decrescente de termos positivos, a série

$$\sum_{n=1}^{\infty} (-1)^{n+1} a_n$$

converge sse $a_n \rightarrow 0$.

Diz-se que a série $\sum a_n$ é **absolutamente convergente** sse for convergente a série $\sum |a_n|$; as séries convergente cuja série dos módulos diverge dizem-se **simplesmente convergentes, semi-convergentes** ou **condicionalmente convergentes**.